

ist und Du haben willst, dass wir Dich ohne Unterlass und Aufhören bitten sollen, und solches mit der wahrhaftigen Zusage, dass, was wir um Deines lieben Sohnes willen bitten, auch gewährt und erhört sein soll: so bitte ich Dich um Christi, Deines lieben Sohnes, seines teuren Blutvergiessens, Leidens, Sterbens und Auferstehens willen, dass DU mir keine Versuchung schaden lassen wollest. SONDERN ERLÖSE UNS VON DEM ÜBEL, auf dass ich von allem Unglück loskomme, Amen.“

(Herzog Albrecht von Preussen, der in seinem Lande die Reformation einführte, hat um 1530 dies Gebet für seine Gemahlin Dorothea verfasst und in deren handschriftliches Gebetbuch aufnehmen lassen.)

Que é a palavra de Deus?

Professor Henry S. Gehman, Princeton Theological Seminary.

Se quisermos um texto bíblico para esta preleção, achá-lo-emos na Epístola aos Hebreus 1 : 1:

„Havendo Deus antigamente falado muitas vêzes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho.“

Brevemente podemos dizer: „Deus falou.“

Geralmente dizemos ou pensamos que a Bíblia é a palavra de Deus. Porém podemos perguntar outra vez: „Que é a palavra *) de Deus? Como devemos considerar a Bíblia?“

Primeiro podemos dizer: „A Bíblia é um monumento da revelação“, e talvez possamos justificar-nos nesta afirmação. Naturalmente temos aqui o registro dos atos de Deus. Neste livro também lemos sobre a criação, a vida dos patriarcas, as façanhas de vários chefes e os reinos dos reis de Israel e de Judá. Além disso, temos neste livro uma interpretação filosófica e religiosa dos sucessos da história. Também achamos nesta literatura os livros dos profetas, e por fim no Novo Testamento temos a encarnação, a vida, e o trabalho de Jesus Cristo, a doutrina dos apóstolos, e a história da Igreja primitiva. É verdade que em algum sentido a Bíblia é um monumento da revelação. Por outro lado, porém um monumento de pedra ou de bronze frio não tem vida. Por isso, se a Bíblia é somente um monumento da revelação, pode ser sem vida de tal maneira como um monumento duro, que é totalmente sem vida. Porém, a Bíblia é mais do que um monumento da revelação. Verdadeiramente a Bíblia pulsa com vida espiritual.

Segundo, talvez possamos chamar a Bíblia uma compilação de opiniões religiosas ou uma coleção das opiniões de vários homens sobre a religião. Porém isso implica que a Bíblia contenha

*) Cf. *Declaration on the Word of God and the Scriptures, adopted by the United Lutheran Church in America at its Eleventh Biennial Convention, Baltimore, MD., U. S. A., 11 de outubro de 1938.*

vários pontos de vista na religião, e além disso, é possível que estes modos de ver se achem em conflito. Por conseguinte, podemos perguntar: Onde está a unidade da Bíblia? Segundo este ponto de vista, teríamos que forçar a unidade na Bíblia, ou seria necessário fazer uma unidade pelo compromisso. Claramente não podemos considerar este método nos estudos bíblicos, e por conseguinte temos que rejeitar esta maneira de operar.

Terceiro, podemos chamar a Bíblia um grande livro de religião. Neste caso, porém, poríamos a Bíblia no mesmo nível com o Rig-Veda, com as Gathas dos parses, ou com cânon dos budistas. Se tivéssemos tal ponto de vista, o cristianismo seria somente uma religião entre muitas. Porém, não acreditamos que o budismo, ou o hinduismo, ou outra religião alguma está no mesmo nível com a nossa fé cristã. Não, não podemos chamar a Bíblia somente um grande livro de religião.

Quarto, podemos chamar a Bíblia uma grande literatura. Na verdade é um livro de bonita literatura; aqui temos literatura no melhor sentido da palavra. Porém, se dermos a primeira ênfase nas belas letras, causaremos êrro, porque daremos a impressão de que a Bíblia está no mesmo nível com as obras de Homero, Virgílio, Camões, Cervantes, Goethe, ou Shakespeare.

Quinto, podemos dizer que a Bíblia é um livro de leis ou de regras. Ao dizermos isso, parece que tornamos à religião. Um livro de regras! Isso traz à minha lembrança uma conversação entre dois judeus. Os dois judeus discutiam a sua religião, e estavam de acôrdo que é melhor ser ortodoxos do que judeus liberais. Um dos dois disse: „Quero ter as coisas da minha religião definidas.“ Cumprir a lei de Israel antigo era para êle uma prática rigorosa e fixa, que era suficiente para êle. Tenho mêdo de que muitos cristãos sejam semelhantes a êsse judeu; preferem estar sujeitos a uma lei ao estar sob a graça. Muitos cristãos querem saber todos os fatos de Deus postos em ordem para que saibam exatamente o que têm que acreditar. Deveras buscam com uma precisão quase científica para saber o que Deus pensava e fazia durante os séculos. Desta maneira, acreditam complacentemente com certeza que têm a verdade. Talvez muitos de nós com inclusão de mim gostemos de ser legalistas e de obter a nossa salvação pela obediência à lei. Isso, porém, não é o evangelho.

Apesar de tôda a discussão da palavra de Deus, a Bíblia fica o nosso livro manancial da nossa fé cristã. Como cristãos acreditamos que êste livro está inspirado pelo Espírito de Deus. Além disso, a Bíblia é a fonte da nossa doutrina, e fica a nossa norma pela fé e prática. Não podemos dizer que de qual maneira os escritores da Santa Escritura eram inspirados, e as nossas confissões luteranas não ousam definir como o Espírito de Deus opera na mente humana. Manifestamente, a mente humana não pode compreender os caminhos de Deus.

Nesta discussão da palavra de Deus, acreditamos que Deus es-

colhia alguns homens e guardava-os de erro ao escreverem a Santa Escritura. Por outro lado, êstes homens não eram autômatos nas mãos de Deus, nem eram êles os estenógrafos de Deus, que copiavam cegamente palavra por palavra tudo que Deus lhes ditava. Os escritores da Santa Escritura usavam a língua, as expressões correntes do seu tempo, e os costumes contemporâneos. Em outras palavras, viviam no ambiente do seu tempo, e geralmente a sua vida era normal. Êles retinham a sua individualidade, e por conseguinte não se tornavam simples autômatos no poder da inspiração. A revelação sucedeu na história, no mundo das atividades, nas condições da vida cotidiana. Podemos dizer o mesmo em outras palavras: a revelação não é uma abstração, a revelação não se fêz conhecer num vácuo, mas na história.

Qual é mais importante: a revelação ou uma hipótese da inspiração? Naturalmente, a revelação. Por isso, é necessário, que entendamos em qual sentido usamos a palavra revelação. Podemos definir a revelação nestas palavras — A revelação é aquela verdade que recebemos de Deus quanto a nossa salvação por Cristo, uma verdade que o homem não teria podido obter de outra maneira alguma.

Nesta revelação, Deus falou, Deus deu algo ao homem.

Nós recebemos, nós ouvimos.

Deus falou no passado, hoje Deus fala pela sua palavra. Ao lermos a Bíblia, podemos ouvir Deus falar.

A Bíblia não é um livro de regras.

A Bíblia não é um livro de filosofia.

A Bíblia não é um livro de religião.

A Bíblia não é um livro de teologia.

A Bíblia não é um livro de ciência.

Por outro lado, notamos especialmente no Velho Testamento algumas situações concretas; vemos que Deus se põe em contacto com personalidades humanas. Na Bíblia achamos uma série de encontros divino-humanos. Neste livro achamos uma pintura verdadeira das relações de Deus com os homens. Na Bíblia acham-se situações que conformam com a verdade.

Por conseguinte, dizemos que a Bíblia tem uma relação pessoal conosco; ela é uma mensagem dirigida pessoalmente de Deus para nós. A Bíblia é, num certo sentido, uma carta endereçada a nós, uma epístola pessoal de Deus para nós. Deus fala a nós pela sua palavra escrita.

Neste ponto observamos que a palavra de Deus pode considerar-se num sentido tríplice:

No primeiro lugar, temos a palavra proclamada de Deus.

A palavra de Deus é mais velha do que a Bíblia. Quando Deus na criação disse: „Haja luz“, isso foi a palavra de Deus. Cerca de 70 vezes lemos no Pentateuco a expressão: „E falou o Senhor a Moisés, dizendo.“ O que segue esta locução é a palavra de Deus. Quando

o profeta diz: „Assim diz o Senhor“, o que segue esta expressão é a palavra de Deus. Assim temos exemplos da proclamação das palavras de Deus na antiguidade. Na base desta proclamação antiga temos algo que podemos proclamar na igreja hoje. A palavra de Deus é o mandato sobre o qual toda a proclamação tem que fundar-se para que seja uma proclamação verdadeira. A palavra de Deus tem que ser o tema de nossa proclamação para que seja uma proclamação verdadeira. A palavra de Deus é a norma de julgar pela qual a proclamação se torna numa proclamação verdadeira. Fazemos uma proclamação na igreja, porque sabemos que uma revelação sucedeu no passado. Porém, esta revelação não se dirige ao tempo que passou. Ao contrário, a revelação significa a nota da expectativa. A base desta esperança é claramente idêntica com o tema que relembramos do passado. A palavra de Deus foi proferida; a revelação aconteceu. Por isso, em nossa proclamação falamos da lembrança do passado.

No segundo lugar, chegamos à palavra escrita ou ao cânon da Escritura. Consideraremos isso mais tarde.

No terceiro lugar, com respeito a palavra revelada de Deus, a Bíblia é o meio concreto pelo qual a igreja chega a uma lembrança da revelação feita por Deus. Por isso, a Bíblia não é em si mesma a revelação histórica de Deus, mas a Bíblia é a palavra de Deus que nos fala; ela é a palavra de Deus a qual ouvimos. A Bíblia dá testemunho acêrca da revelação que se deu. Porque a Bíblia realmente dá testemunho à revelação de Deus, a Bíblia é a palavra de Deus; e porque a Bíblia é uma revelação para o futuro, esta proclamação é a palavra de Deus. Neste sentido, quando proclamamos a verdade da Bíblia, a nossa proclamação deveras é a palavra de Deus.

Mas no sentido mais alto a palavra de Deus não é um livro; Jesus Cristo é a palavra de Deus. Ele mesmo é a palavra viva.

Em resumo podemos dizer:

I. Acreditamos que as Sagradas Escrituras do Velho Testamento e do Novo Testamento são a regra e norma únicas em conformidade das quais todos os dogmas devem ser julgados. As Escrituras têm esta autoridade única, porque são a palavra de Deus.

II. A locução a **palavra de Deus** usa-se em mais do que um sentido, e por isso, é importante que compreendamos o que são estes sentidos diferentes. Também é essencial que entendamos o que queremos dizer, quando chamamos as Escrituras por este nome.

(a) No seu sentido mais real a palavra de Deus é o **Evangelho**, isso é, a comunicação relativa a Jesus Cristo, à sua vida, ao seu trabalho, à sua doutrina, aos seus sofrimentos, à sua morte, à sua ressurreição e ascensão por nós. A palavra Evangelho significa a **boa nova**, e na verdade o Evangelho é a boa nova para nós,

porque o Evangelho é a proclamação da nossa salvação em Jesus Cristo.

Neste Evangelho ou por êste Evangelho o Espírito Santo vem aos homens, despertando e reforçando-lhes a fé e conduzindo-os na vida de santidade. Por isso, chamamos a palavra de Deus um meio de graça.

(b) Num sentido mais largo a palavra de Deus é aquela revelação que começou no princípio da história humana, continuou pelos séculos e por último alcançou a sua plenitude e a sua consumação na vida e no trabalho de Jesus Cristo nosso Senhor.

Esta revelação era dada a homens escolhidos e inspirados por Deus para interpretarem os acontecimentos históricos em que Deus se fez conhecer. Esta história da sua revelação também pertence à palavra de Deus neste sentido mais largo.

(c) Tôda a revelação de Deus aos homens, a qual alcançou a sua consumação em Cristo, está escrita fielmente e conservada nas Sagradas Escrituras. Por isso, aceitamos as Escrituras como a verdade infalível em todos os assuntos pertencentes à sua revelação e à nossa salvação.

As Escrituras são agora e serão para todos os tempos futuros a revelação do próprio Deus. E porque Deus continua a fazer-se conhecer por elas, acreditamos que as Escrituras também são a palavra de Deus. Isso é o terceiro sentido em que se usa a expressão a **palavra de Deus**.

III. A revelação de Deus é uma unidade e tem o seu centro em Jesus Cristo. Do mesmo modo, as Escrituras formam uma unidade com o seu centro em Jesus Cristo. Por isso, acreditamos que o corpo inteiro da Escritura em tôdas as suas partes é a palavra de Deus. Isso, porém, não significa que pomos tôdas as partes da Escritura no mesmo nível. Por exemplo, não consideraríamos a Epístola aos Romanos no mesmo nível com o livro do Eclesiastes ou com os Cantares de Salomão. A Sagrada Escritura tem as suas partes mais importantes e também as menos importantes. A medida da importância de um livro acha-se na sua relação para com Jesus Cristo e para com o Evangelho, que são a palavra de Deus no senso mais real. Por outro lado, todos os livros da Bíblia têm uma parte na revelação total de Deus.

As Escrituras canônicas do Velho Testamento foram sancionadas pelo nosso Senhor Jesus Cristo e pelos seus apóstolos. As Escrituras do Novo Testamento foram aceitas como canônicas pela igreja cristã sob a direção do Espírito da verdade.

IV. O corpo inteiro das Escrituras é inspirado por Deus. Os escritores das Escrituras foram os intermediários de Deus na transmissão das mesmas. Deus mesmo deu a certos homens escolhidos o poder de receber e de consignar por escrito. O ato de Deus pelo qual êste poder era dado, chamamos a inspiração (2 a Timóteo 3: 16—17): „Tôda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa

para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra.“

Não podemos definir o modo ou a maneira da inspiração. Não podemos entender como Deus faz uso de instrumentos humanos para atingir os seus fins, mas admitimos a inspiração como uma realidade.

V. Mantendo estas coisas ser verdadeiras, acreditamos que as Escrituras são:

(a) A fonte de que o poder salvador de Deus jorra incessantemente na vida dos homens;

(b) A fonte única da doutrina que é verdadeiramente cristã;

(c) A regra e a norma únicas para a fé e a vida cristãs;

Em conclusão podemos dizer o mesmo com que começamos:

„Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho.“

*

Vom Werden und Wachsen der Riograndenser Synode

von Präses Theophil Dietschi

(2. Fortsetzung.)

3. Weiterer Ausbau der kirchlichen Arbeit

a) *Personelle Veränderungen*

Bevor vom weiteren Ausbau der kirchlichen Arbeit berichtet werden soll, sei erwähnt, dass die beiden ersten Präsiden der Riograndenser Synode, D. Dr. Rotermund und Pastor Friedrich Pechmann, im gleichen Jahr 1925 in die Ewigkeit abgerufen wurden.

Hatte D. Dr. Rotermund neben seinem Pfarramt als Schriftsteller, Journalist, Schulmann, Herausgeber und Verleger von Schulbüchern und christlicher Literatur und als Vorkämpfer für deutsch-evangelisches Leben und Wesen in unermüdlicher Tätigkeit der evangel. Kirche von Rio Grande do Sul den Boden bereitet, sie als Führer seiner Mitarbeiter gegründet, ihr den evangelisch-lutherischen Charakter gegeben und den Weg in die Zukunft gewiesen, so machte sich der vielgeschäftige Pfarrer Pechmann verdient als Gründer des evang. Lehrervereins, des Gustav Adolf-Hauptvereins von Rio Grande do Sul, als unablässiger Befürworter der Einführung von Kindergottesdiensten, als tatkräftiger Förderer des Evangelischen Stifts und des Anschlusses der Pfarrer und Gemeinden an den Evang. Oberkirchenrat, als eifriger Werber für die Indianermission und Heidenmission und in ausseramtlicher Tätigkeit als ebenso uneigennütziger wie geschickter Augenarzt, als Gründer der heute noch bestehenden Sterbekasse des Vereins „Frohsinn“ in Hamburger Berg und als Gründer des Denkmalsver-